

Do objeto ao espaço / Do espaço à intervenção – Espaço e Instalação

Samuel Rama
ESAD.CR, 2015

Palavras-Chave: Escultura, Instalação



Do objeto ao espaço / Do espaço à intervenção

Parte I - Do objeto ao espaço

No modernismo europeu acredita-se que o artista faz a obra e a obra faz o artista. Muitos aspetos da feitura de uma obra de arte em geral e do desenho em particular só se decidem durante o fazer. Tal como nos diz Herbert Read: *“A forma, ainda que possa ser analisada em termos intelectuais, tais como medida equilíbrio, ritmo e harmonia, é, na realidade, de origem intuitiva; não é, na prática real dos artistas, um produto do intelecto. Trata-se antes de uma emoção dirigida e definida, e quando descrevemos arte como «desejo de dar forma» não estamos a imaginar uma atividade exclusivamente intelectual, mas antes uma atividade exclusivamente instintiva.* Este modo de concretizar o gesto criativo encontrou os seus melhores praticantes na Europa. É frequente encontrar nos artistas europeus, principalmente da primeira metade do século XX, noção de que a obra de arte bidimensional ou tridimensional parte do pressuposto de que o artista exterioriza, dialogando com o material, o seu espaço interior, correspondendo às suas perceções, emoções e conceções. O gesto neste contexto não é mais do que uma tradução material de todos esses índices. Esse espaço interior é de *“onde provem a energia da matéria viva, a partir da qual a sua organização se desenvolve como os anéis concêntricos que anualmente se formam em direcção ao exterior a partir de um núcleo constituído pelo tronco da árvore.”* (Rosalind Krauss). Esta visão do ato criativo exige maior proximidade do artista em relação ao suporte, também por isso, o gesto é caligráfico e a motricidade envolvida é geralmente mais fina.

- 1- Repensa o teu trabalho de modo a que este se insinue de forma evidente no espaço. Tenta articular aquilo que são as condições subjetivas da produção com as intersubjetivas da apresentação.

Estratégia pedagógica: realiza um aprofundamento das afinidades, uma prospeção/investigação de soluções, faz uso do projeto de desenho, do desenho de projeto, realização de maquetas, etc...

Parte II - Do espaço à intervenção

Em meados do século XX, emerge um novo entendimento da arte radicalmente diferente daquela que era praticada pelos modernistas da primeira metade do século XX. Os artistas norte americanos porque estavam libertos do mito, da história e da tradição, abominavam a ideia de que a obra de arte expressava o espaço interior do artista. Progressivamente, a arte destas paragens começou a dispensar a maioria dos critérios subjetivos que animavam a feitura das obras de arte, como por exemplo, a noção de composição, etc... Para Robert Morris, como para a maior parte dos minimalistas dos anos 60, existe um pensamento da obra em função do espectador e do espaço. Em vez de tratarem da noção de pintura ou escultura enquanto resultado da exteriorização do mundo interior do artista, que só conduziria à expressão de “conteúdos de um espaço psicologicamente particular” (Rosalind Krauss), procuram antes explorar o espaço externo, de passagem, real, de convivialidade pública, o que recria uma certa teatralidade para o espectador que se torna participante da obra de arte. Neste contexto é muito frequente encontrar uma propensão para a dimensão programática e conceptual do trabalho que muitas vezes tem a sua origem nas características do espaço, seja ele interior, arquitetónico, natural ou humanizado. A esta tipologia que ausculta de forma decisiva as condições do espaço convencionou-se chamar site-specific.

- 2- Elabora uma proposta, utópica ou não, em que as condições, características, história ou uso do espaço dão o mote para a realização da intervenção instalativa. Investiga a história do lugar ou espaço e tenta edificar uma intervenção capaz de potenciar as suas diretrizes mais pregnantes. Tenta perceber como a tua produção proto-autoral se modifica/enriquece com a colocação da tónica não no objeto mas no espaço e/ou lugar.

Estratégia pedagógica: realiza uma investigação da história do lugar/espaço, tenta vivenciar os seus usos, as suas características mais pregnantes. Faz uso do desenho de projeto, realização de maquetas e finalmente, propõe uma intervenção pautada pela eficácia estética, ética e/ou política.